

## Afetos que ofendem: a polêmica em torno do beijo na HQ *Vingadores* na XIX Bienal do Livro do Rio de Janeiro

Offensive affects: the polemic surrounding the kiss in the *Avengers* comic at the 19th Rio de Janeiro Biennial Book Fair

Elis Angela Franco Ferreira Santos<sup>1</sup>  
Argus Romero Abreu de Moraes<sup>2</sup>

**Resumo:** No presente texto, analisaremos a polêmica envolvendo o beijo homoafetivo na HQ *Vingadores*: a cruzada das crianças durante a XIX Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro, realizada de 30 de agosto a 08 de setembro de 2019. Como reação à venda do material infantojuvenil na Bienal, o então prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella (Republicanos), solicita sua recolha por parte da Secretaria Municipal de Ordem Pública do Rio de Janeiro. Considerando esse evento polêmico, na primeira seção, discutiremos os pressupostos teórico-metodológicos da Análise Dialógica da Argumentação (ADA), proposta por Nascimento (2018). Na segunda, analisamos a trajetória histórica das publicações da Marvel envolvendo as temáticas de gênero e sexualidade e um diálogo entre os personagens Teddy e Billy no intuito de reconstituir a polêmica interna ou constitutiva da HQ. Na terceira, avaliamos a resignificação promovida por essa Graphic Novel do acontecimento histórico que ficou conhecido como A Cruzada das Crianças, no século XIII. Na quarta, investigamos a instauração da polêmica externa a partir de seis postagens do Prefeito Crivella na busca de legitimar as suas ações. Como conclusão, de um lado, propomos que a HQ *Vingadores* remete dialogicamente à tendência nas últimas décadas de a própria Marvel aumentar a representatividade de gênero entre seus personagens ficcionais, de outro, que a postura de Crivella tem por objetivo reforçar seu diálogo com o seu eleitorado conservador, promovendo pânico moral pela confusão entre representatividade de gênero e incentivo à promiscuidade.

**Palavras-chave:** Análise Dialógica da Argumentação. Discurso Polêmico. Beijo homoafetivo. Resignificação. Pânico Moral.

**Abstract:** In this text, we will analyze the controversy surrounding the homoaffective kiss in the comic book *Avengers: The Children's Crusade* during the XIX Rio de Janeiro International Book Biennial, held from August 30 to September 8, 2019. In response to the sale of children's and young adult material at the Biennial, the then mayor of Rio de Janeiro, Marcelo Crivella (Republicanos), requested that the Municipal Secretariat for Public Order of Rio de Janeiro collect it. Considering this polemic event, in the first section, we will discuss the theoretical and methodological assumptions of Dialogical Argumentation Analysis (ADA), proposed by Nascimento (2018). In the second, we will analyze the historical trajectory of Marvel publications involving the themes of gender and sexuality and a dialogue between the characters Teddy and Billy in order to reconstruct the internal or constitutive polemic of the comic book. In the third, we will evaluate the resignification promoted by this Graphic Novel of the historical event that had become known as The Children's Crusade, in the 13th century. In the fourth, we will investigate the establishment of the external polemic based on six posts by Mayor Crivella in an attempt to legitimize his actions. In conclusion, on the one hand, we propose that the *Avengers* comic book dialogically refers to the trend in recent decades of

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Feira de Santana, Bahia, Brasil. Endereço eletrônico: [elis.angela@hotmail.com](mailto:elis.angela@hotmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Faculdade de Artes, Letras e Comunicação, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil. Endereço eletrônico: [argusromero@yahoo.com.br](mailto:argusromero@yahoo.com.br)

Marvel itself increasing gender representation among its fictional characters, and on the other, that Crivella's actions aims to reinforce his dialogue with his conservative electorate, promoting moral panic by confusing gender representation with encouraging promiscuity.

**Keywords:** Dialogical Analysis of Argumentation. Polemic Discourse. Homoaffective kiss. Resignification. Moral Panic.

### Considerações iniciais

Em 2019, durante a realização da XIX Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro (30 de agosto e 08 de setembro), foi disparada a polêmica envolvendo a HQ *Vingadores: a cruzada das crianças* (Heinberg; Cheung, 2016), devido à representação do beijo entre os jovens vingadores homossexuais Wiccano e Hulkling. O dissenso alcançou maior visibilidade após o então prefeito do Rio, Marcelo Crivella (Republicanos), tentar censurar a venda do livro, inicialmente sem nenhuma autorização judicial, alegando que o conteúdo da obra era impróprio para as crianças, por isso deveria ser divulgado no evento com sinalizações específicas, de acordo com o que propõe o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

A atitude de Crivella provocou a reação não apenas de políticos, mas também de outros cidadãos, tanto em sua defesa como questionando o caráter homofóbico e censor do prefeito, fato que teve desdobramentos para além do período de realização da Bienal. Mas, antes mesmo de provocar socialmente o desacordo profundo de valores, a HQ traz uma abordagem polêmica nos discursos das personagens com relação à homossexualidade. Neste trabalho, busca-se analisar, primeiramente, a *polêmica interna*, ou seja, constitutiva da própria HQ, e também a *polêmica externa*, com ênfase nos discursos do prefeito do Rio para legitimar a tentativa de censura.

Para tanto, conforme desenvolveremos na primeira seção do texto, a Análise Dialógica da Argumentação (ADA), nos termos de Nascimento (2018), servirá como referencial teórico-metodológico, tendo em vista compreender as condições de possibilidade da polêmica, bem como os argumentos apresentados pelos distintos lados da disputa. Em seguida, descreveremos o enquadramento enunciativo da HQ *Vingadores* na XIX Bienal e analisaremos o funcionamento da *polêmica interna* nesse material por meio do recorte de um diálogo entre os personagens Teddy e Billy. Posteriormente, discutiremos a relação entre memória argumentativa e interdiscurso para compreender o processo de resignificação produzido pela revista em torno do acontecimento histórico A Cruzada das Crianças. Por fim, avaliaremos em seis postagens de Crivella o modo como os seus argumentos para censurar a obra instauram e impulsionam a polêmica externa.

## O discurso polêmico e a ADA enquanto metodologia analítica

Falar sobre polêmica é compreender que se está diante de um tema social sensível, “[...] uma questão de interesse público que se caracteriza por um grande potencial agonístico, pois evoca, em sua discussão, crenças cristalizadas e valores diversos, *sensivelmente* hierarquizados pelas comunidades discursivas” (Emediato, 2023, p. 20; grifo do autor). No caso da Bienal 2019, o tema sensível foi a “homossexualidade”, dividindo a opinião da sociedade em torno dos valores em que cada grupo acredita ao mobilizar afetos e servir como indutor da polêmica. Segundo Emediato (2023, p. 23), “Pensar uma racionalidade do sensível permite-nos delimitar o conceito de tema social sensível para relações que um sujeito – ou uma comunidade enunciativa – mantém com os objetos sociais no âmbito empático-afetivo e axiológico”. Tais relações, baseadas em imaginários sociais que contribuem para a adesão a certos valores e não a outros, irão motivar ou não o engajamento em certos debates polêmicos.

Nessa perspectiva, a polêmica, como aqui apresentada, não é uma simples divergência de opinião, mas “[...] um desacordo profundo de valores em um determinado espaço, motivado pela antipatia em relação aos valores do outro, manifestando-se de forma argumentativa” (Nascimento, 2024, p. 64), o que dificulta a possibilidade do consenso, uma vez que o sujeito argumentante nela engajado entende o valor defendido como parte de sua identidade. Por isso, “[...] admitir expressamente que o oponente tem razão abala sua autoestima e ameaça a estabilidade de seu sistema de crenças e valores” (Rodrigues, 2021, p. 26). Polemizar é, portanto, resistir ao discurso e/ou ao comportamento do outro, entendendo que este último é embasado, embora silenciosamente, também em um discurso.

Quando a resistência é manifestada, tem-se o acontecimento, ou seja, o *evento polêmico*, a saber, “[...] o encontro de posicionamentos polêmicos, fundantes de dois campos discursivos antagônicos, responsáveis por atualizar entidades de outras polêmicas, ao disputarem sentidos de um mesmo objeto do discurso [...]” (Nascimento, 2018, p. 204). No evento polêmico da Bienal 2019 aconteceram inúmeros *atos polêmicos*, “[...] os acordos, os argumentos, as estratégias argumentativas e os posicionamentos mobilizados no processo argumentativo imantados pelo evento polêmico” (Nascimento, 2018, p. 209), seja na polêmica interna ou na externa. Além disso, os *microatos polêmicos* “[...] uma palavra, uma expressão valorada ou energizada por uma polêmica” (Nascimento 2018, p. 211), por exemplo, “beijo”, “família”, “censura” e “homossexualidade”, funcionaram como potencializadores do dissenso, visto produzirem efeitos de sentido diferentes em cada lado da disputa.

No caso do estudo da polêmica, é fundamental pensar o discurso enquanto “[...] um tipo de sentido – um efeito de sentido, uma posição, uma ideologia” (Possenti, 2009, p. 16). E aqui ideologia não significa falseamento da realidade, mas as crenças, os valores que modulam o pensamento e o modo de agir dos grupos sociais. Destaca-se também a

perspectiva dialógica da linguagem apresentada por Bakhtin (2016), responsável por ampliar a compreensão dos efeitos de sentido que os discursos podem provocar, uma vez que considera relevantes os aspectos extralinguísticos e enfatiza o quanto o enunciado é um elo na cadeia discursiva, ou seja, não há discurso adâmico, primeiro, mas uma imensa teia responsiva.

Assumir o caráter dialógico dos discursos possibilita uma análise discursiva em que os sujeitos são vistos como ativos e produzem seus enunciados para, em algum nível, responder a questões antes postas e, além disso, direcioná-los a outros destinatários. Segundo Bakhtin (2016, p. 63), “A quem se destina o enunciado, como o falante (ou o que escreve) percebe e representa para si os seus destinatários, qual é a força e a influência deles no enunciado — disto dependem tanto a composição quanto, particularmente, o estilo do enunciado”.

Quanto aos pressupostos teóricos que fundamentam a Análise Dialógica da Argumentação (ADA), pode-se afirmar que eles partem de uma Análise Dialógica do Discurso (ADD), resultado do modo como a obra de Bakhtin e do Círculo foi sendo recepcionada, lida e estudada no Brasil a partir da tradução de *Marxismo e Filosofia da linguagem* (1929), em 1979, o qual apresenta discussões acerca do enunciado, do signo ideológico e do dialogismo, por exemplo, temas posteriormente retomados e desenvolvidos em textos de Bakhtin. O contato com esses e outros conceitos possibilitou uma nova compreensão da análise do discurso — cuja perspectiva dialógica é fundante e o papel do sujeito no processo de interação verbal é ativo — e tem fomentado inúmeros estudos ao longo dos anos, entre eles aqueles vinculados à Análise Dialógica da Argumentação.

Nesse sentido, situar uma análise discursiva no campo da ADA é, ao mesmo tempo, compreender o discurso em uma abordagem enunciativa, considerando o movimento responsivo contínuo, e analisar como se constitui a argumentação nele presente. Tomando isso por pressuposto, Nascimento (2018) propôs um método analítico do discurso polêmico a partir da aproximação entre a Análise do Discurso, numa perspectiva dialógica, e a tradição retórica, focada no estudo dos atos argumentativos.

Assim, estabeleceu o encontro, indispensável para a proposta da ADA, entre o pensamento de Mikhail Bakhtin (2020 [1986]), em *Para uma filosofia do ato responsável*, e as ideias de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (2014 [1958]), em *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Nesse movimento dialógico, a empatia figurou como método fundamental, situando o pesquisador com relação às teorias com as quais dialogou, seja em consonância ou dissonância, bem como com o objeto de análise. A esse movimento ativo de compreensão chamou “ato ético intelectual” (Nascimento, 2018, p. 37), considerando o papel do pesquisador como sujeito responsivo e responsável, cujo lugar no mundo é único e reivindica posicionamento de escuta atenta, a fim de que não se anule, tampouco anule as vozes com as quais dialoga (objetos, teorias).

Para Nascimento (2018, p.126), “[...] o ponto de partida de uma análise profundamente dialógica da argumentação deve ser a relação entre orador e auditório enquanto relação intersubjetiva”, sendo o orador um sujeito dialógico ao qual denominou *sujeito argumentante*. Esse aspecto da ADA reforça a relação entre o lugar do orador e sua relação com o auditório, no *Tratado*, e a empatia ativa proposta por Bakhtin (2020 [1986]), posto que o orador precisará realizar o movimento exotópico na tentativa de elaborar uma resposta à questão do outro, visto que o auditório seria uma construção do orador a partir do seu excedente de visão, construção essa que ocorre durante todo o ato argumentativo. Nessa aproximação exotópica, o fato de o auditório ser uma construção do sujeito orador implica que este, ante o evento aberto da vida do outro, dá-lhe um acabamento, em que o outro significa para o eu, enquadrando-o dentro de um ambiente, de certas categorias, cosmovisões, valores. É, por assim dizer, a partir disso que há o evento argumentativo, em que é possível se posicionar argumentativamente em relação à posição do outro (Nascimento, 2018, p. 130).

Em uma abordagem enunciativa, os argumentos são analisados em seu contexto vivo, não abstrato, e são produzidos, também, em um embate entre pelo menos duas vozes: O “[...] argumento como enunciado pressupõe uma resposta de um sujeito a uma questão levantada por outro sujeito no contexto de um problema. O que há então é a materialização linguístico-argumentativa de uma resposta a um problema” (Nascimento, 2018, p. 170). Levando em consideração a retórica aristotélica, o argumento pode ser estabelecido pelos mecanismos entimemático ou pelo exemplo, mobilizando, ainda, o *ethos*, o *pathos* e o *logos*. No *Tratado*, os argumentos podem ser quase-lógicos, os que fundam a estrutura do real e os que se fundam na estrutura do real. “Por vezes, um argumento pode ser todo um texto, noutras, cabe dentro de uma frase e, em alguns casos, um argumento pode ser apenas uma palavra. O que nunca se deve perder de vista é sua resposta a uma questão”, pondera Nascimento (2018, p. 171).

Partindo do campo do opinável, na argumentação como vista aqui, que difere da demonstração, o elemento dóxico integra o processo. Seu caráter axiológico é construído a partir das interações com vozes antecedentes. Para Maingueneau (2015, p. 28): “O discurso só adquire sentido no interior de um imenso interdiscurso. Para interpretar o menor enunciado, é necessário relacioná-lo, conscientemente ou não a todos os tipos de outros enunciados sobre os quais ele se apoia de múltiplas maneiras”. Ao refletir sobre o caráter interdiscursivo dos discursos, Nascimento (2018) aborda a problemática em torno do conceito de argumentação, definida pelos autores do *Tratado* como ato discursivo que visa provocar ou aumentar a adesão dos espíritos (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014, p. 16).

Em consonância com o que propõe Ruth Amossy em *Argumentação no discurso* (2020), Nascimento (2018), porém, amplia a visão para pensar em uma dimensão argumentativa a qual garantiria, de algum modo, a argumentatividade de discursos que não

teriam diretamente a intenção de promover a adesão. Nesse sentido, defende que “É fácil, no entanto, observar que nem toda tomada de palavra tem, explicitamente, a intenção de conquistar a adesão de um interlocutor a uma tese apresentada” (Nascimento, 2018, p. 142). No entanto, ainda em diálogo com Amossy (2020), afirma ser possível orientar o olhar do outro para ideias, valores e pontos de vistas defendidos.

O uso da palavra está, necessariamente, ligado à questão da eficácia. Visando a uma multidão indistinta, a um grupo definido ou a um auditório privilegiado, o discurso procura sempre produzir um impacto sobre seu público. Esforça-se, frequentemente, para fazê-lo aderir a uma tese: ele possui, então, uma visada argumentativa. Mas o discurso também pode, mais modestamente, procurar modificar a orientação dos modos de ver e de sentir: nesse caso, ele possui uma dimensão argumentativa (Amossy, 2020, p.7).

Posto isso, percebe-se que, apesar de ter o *Tratado* como uma de suas bases conceituais, a fundamentação da ADA não se prende a ele, assumindo uma visão de argumentação para além da adesão, da tentativa de consenso. Quanto aos objetos de acordo, entretanto, Nascimento (2018) segue a proposta de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), a saber, os acordos que envolvem a estrutura do real (fatos, verdades e presunções) e relativos ao preferível (valores, hierarquias e lugares do preferível) são pontos de partida para a argumentação. Sobretudo no que diz respeito aos objetos de acordo relativos ao preferível, que exercem papel importante quando se deseja compreender como se posicionam “[...] determinados grupos e sua relação dialógica com seu outro, observando, por assim dizer, como essas proposições atualizam os posicionamentos sobre as quais pairam os acordos e os desacordos, numa relação semântico-discursiva com a memória argumentativa” (Nascimento, 2018, p. 152).

Dito de outro modo, a memória argumentativa é interdiscursiva, uma vez que é por meio das relações dialógicas entre enunciados concretos — uma relação de sentido — que os argumentos circulam socialmente. Para a ADA, “[...] não é outra coisa do que remeter os elementos da argumentação a uma memória interdiscursiva e ver na análise como ela se atualiza” (Nascimento, 2018, p. 172). À ADA interessam os posicionamentos dos sujeitos argumentantes, ou seja, os atos argumentativos de uma determinada pessoa ou de um grupo, pois é a partir deles que os sujeitos, ancorados inicialmente em premissas, valoram os objetos em debate. Para tal fim analítico, as noções de *cronotopo*, campo e gênero discursivo, assim como para a teoria bakhtiniana, são imprescindíveis à análise.

Existem posicionamentos que são próprios a cada campo discursivo. Por isso, torna-se importante adotar o critério de observar qual posicionamento central o grupo adota. Ou seja, as premissas sustentadas por determinado grupo e com quais outras elas se relacionam para então poder pensar a que campo de fato aquele discurso pertence, porque não basta um grupo estar posicionado em um espaço para daí se afirmar que faz parte daquele campo. Não

é porque se está no espaço político que o discurso é meramente político, assevera Nascimento (2018, p. 153). Essa relação campo/espaço merecerá atenção quando analisados os discursos do prefeito Marcelo Crivella (Republicanos), já que, mesmo discursando a partir de um espaço público político, é preciso avaliar se seus discursos são representativos do campo religioso evangélico ao qual estava, no momento da polêmica, relacionado. O campo seria, dessa maneira, um feixe de posicionamentos, nunca fechado em si mesmo, mas aberto a interações dialógicas.

O campo é, de alguma maneira, um grupo de pessoas que se reúnem em torno de uma questão problemática, a qual pressupõe sempre outras, mas que referente à questão central, essas pessoas compartilham de uma resposta semelhante, isto é, de um posicionamento central. Nesse sentido, vê-se que o campo não é um lugar homogêneo, cujos posicionamentos teriam igual equivalência (Nascimento, 2018, p. 157). Assim “[...] pensar o campo enquanto construção mútua dos seres humanos é pensar como cada um deles se atualiza em dado momento, sob dadas circunstâncias histórico-sociais e discursivas” (Nascimento, 2018, p. 155). É pensar, ainda, que cada campo se manifesta *cronotopicamente*, ou seja, em espaços discursivos. Por exemplo, um discurso do campo religioso pode ser manifestado no espaço discursivo de uma instituição religiosa, mas também pode aparecer em programas televisivos, em uma plenária política etc. Aqui a relação com os gêneros discursivos ganha relevo, posto que os campos, em seus respectivos espaços discursivos, se manifestam por meio de gêneros do discurso, como propôs Bakhtin (2016).

E como se dão os efeitos de sentido em uma argumentação? No contexto da ADA, Nascimento (2018) faz dialogar as noções do Círculo de Bakhtin e do *Tratado*, já que, nos dois casos, os sujeitos ouvintes/leitores são ativos, constroem sentidos a partir de um repertório de vivências e de conhecimentos. E no caso do *Tratado da argumentação*, o orador, aqui denominado *sujeito argumentante*, precisa realizar o deslocamento exotópico a fim de se adaptar ao auditório, posto que isso possibilita uma maior possibilidade de elaborar discursivamente uma argumentação que produza o efeito de sentido desejado. Ativos no processo, os sujeitos argumentantes e ouvintes/leitores não são assujeitados, ou simplesmente regulados pela formação ideológica, mas são heterogêneos, clivados e, dialogicamente falando, responsivos e responsáveis por cada ato discursivo realizado durante o grande evento da existência.

Com base no dialogismo bakhtiniano e indo além da noção de argumentação como tentativa de adesão a uma tese, proposta pelos autores do *Tratado*, Nascimento (2018) defende uma análise dialógica da argumentação que dê conta, também, da argumentação polêmica, cujo dissenso, a disputa de valores, normalmente não encontra um caminho consensual.

## Os jovens Vingadores e a trajetória até o polêmico beijo entre Wiccano e Hulkling

Antes de apresentar o enredo da HQ *Vingadores*, uma consideração é válida. Apesar do universo ficcional fantasioso da história dos super-heróis, várias questões apresentadas na HQ e vivenciadas pelas personagens *mimetizam* a realidade empírica, como a luta pela justiça e a homossexualidade. Contudo mimese aqui não tem o caráter de imitação deformada, uma tentativa de cópia, mas de *representação* artística de comportamentos e situações que ocorrem no que chamamos de “mundo real”. Como afirma Lima (2003, p. 81),

[...] o discurso mimético é uma das formas do discurso do inconsciente, o qual será reconhecido como artístico quando o receptor encontra no texto uma semelhança com a própria situação histórica. A situação histórica funciona portanto como o possibilitador do significado que será alocado no texto. A obra, enquanto tal, é um significante a que o leitor empresta um significado.

Ainda segundo o autor, para se compreender a representação, é preciso observar como o agente (no caso da HQ, os autores) tematiza o mundo por meio da linguagem (Lima, 2003, p. 92). Dito de outro modo, a representação seria a manifestação da percepção subjetiva do agente diante do que está posto no mundo, embora sua percepção seja marcada, também, por fatores externos que a constituem. Nesse viés, ainda que uma obra artística possa tomar como referencial cenários, situações e comportamentos da realidade concreta, seu resultado *representará* não a realidade em si, mas o olhar de quem a criou.

Considerando o caráter literário da HQ, uma vez que expõe uma narrativa, embora tenha características muito próprias de composição que merecem atenção, assim como a literatura, não seria, mesmo quando elementos fantasiosos não estão presentes, uma cópia da realidade, mas a representação “particular” desta. Desse modo, a *representação homoafetiva* na HQ *Vingadores* é uma entre tantas possibilidades de abordar a temática, emergente em acordo com os valores de seus autores, o roteirista Heinberg, declaradamente homossexual, e o desenhista Cheung, e em consonância com o que seria permitido pela Marvel. Em outro momento, a questão da *representatividade homoafetiva* será retomada.

Publicada originalmente em 2010 e 2012<sup>3</sup>, nos Estados Unidos, em formato de *graphic novel*<sup>4</sup>, a HQ *Vingadores: a cruzada das crianças*, de autoria de Allan Heinberg e Jim Cheung, apresenta a sequência de uma história que teve início em 2005, quando os autores criaram a narrativa de um grupo de adolescentes superpoderosos que usavam uniformes inspirados

---

<sup>3</sup> A edição de 2012, mais completa, reúne nove edições da HQ lançadas entre 2010 e 2012.

<sup>4</sup> *Graphic Novel* é um termo norte-americano traduzido no Brasil como “romance gráfico” ou “novela gráfica”. Além da característica estética, normalmente uma publicação impressa com capa dura e papel de melhor qualidade, o romance gráfico apresenta uma história fechada, mais longa, diferentemente das séries de HQs. Seu conteúdo varia, podendo ser uma história inédita, uma releitura de um livro já publicado ou, como no caso da HQ *Vingadores*, uma reunião de várias séries de uma HQ, garantindo a ideia de unidade geral da narrativa. Santos e Chinen (2020) apresentam relevante abordagem sobre a caracterização da expressão desde o seu surgimento, o que serve para estudo mais aprofundando e crítico sobre o tema, o que julgo não necessário ao estudo aqui proposto.

nos Vingadores originais, mas tendo como centralidade questões como os incômodos da adolescência e os desafios dos relacionamentos. Com duração de doze edições, a série *Jovens Vingadores* foi bem aceita, já com a presença de Wiccano e Hulkling, assumidamente gays, tornando-se posteriormente namorados (Gonzatti, 2022, p. 196).

Consciente de que a homossexualidade era um tema sensível e passível de não aceitação, sobretudo quando as personagens que a representariam seriam jovens rapazes, Heinberg (*apud* Heinberg; Cheung, 2016, n.p.; grifos nossos), o roteirista, relatou:

De início, *achei que a Marvel não aprovaria a história de amor homossexual*, então Teddy começou como uma metamorfa chamada Quimera. Ela e Billy se apaixonariam e, mais tarde, descobririam que Teddy era, na verdade, um príncipe skrull. Mas nosso editor, Tom Brevoort, pensou: *'Por que não fazer deles um casal adolescente gay desde o começo?'*, e essa decisão mudou a vida de verdade.

Percebe-se no depoimento do roteirista o quanto a criação da representação homossexual perpassou por reflexões acerca do modo como a HQ seria recebida e aceita pelo editor (o sujeito argumentante preocupa-se com o auditório), embora a temática já houvesse aparecido anteriormente em outras produções da Marvel, porém entre super-heróis adultos, o que não ocorreu sem, antes, enfrentar a resistência de editores mais conservadores quanto às sexualidades dissidentes.

*Estrela Polar* é um dos personagens mais representativos da *Marvel*. Ele surgiu como um membro da Tropa Alfa, uma equipe de mutantes canadenses, em 1979, sendo mais presente nas histórias a partir de 1983. *Havia sido concebido desde o início como gay, mas o Comics Code e a editora conservadora da empresa não permitiram que esse movimento fosse realizado canonicamente – mas a falta de interesse do super-herói em mulheres era uma estratégia para comunicar isso de maneira subliminar*. Em 1992, ele anuncia que é gay em uma história na qual combate a compreensão errônea de que a AIDS seria uma “doença homossexual”. Em 2012, na *Astonishing X-Men #51*, protagoniza o primeiro casamento entre dois homens dos super-heróis da *Marvel* – o que foi feito para celebrar a legalização do casamento entre pessoas do mesmo gênero nos Estados Unidos (Gonzatti, 2022, p. 170; grifos nossos).

O estudo desenvolvido por Gonzatti (2022) apresenta uma relação mais ampla de personagens lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros criados pela *Marvel* e destaca os enfrentamentos internos para que tais representações viessem a público. Ou seja, a *Marvel*, ao longo dos anos, não sem pensar nos interesses econômicos, foi incorporando personagens “exemplos da diversidade” (de gênero, etnia etc.), acompanhando uma demanda de parte da sociedade por *representatividade*, conceito que pode significar a inserção política e em outros espaços de poder e prestígio de pessoas historicamente subalternizadas, garantindo-lhes participação ativa em decisões relacionadas aos seus direitos, e fato que possibilita, também, a outros membros de um grupo minorizado enxergarem-se para além dos estereótipos

negativos que lhes foram atribuídos. A representatividade é, segundo Noguera (2019, n. p.; grifos nossos), indispensável em um regime democrático.

*A democracia carece de representação e representatividade. Do contrário ela fica frágil, perde a oportunidade de que muitos segmentos tomem a palavra. Ou seja, muitas pautas e grupos digam o que pensam do mundo e como desejam que a sociedade se organize. A democracia é a arena de choque de desejos, um esforço feito por instituições fiadoras de que as narrativas mais diversas convivam e possam disputar o estabelecimento de práticas sociais. O equilíbrio precisa que grupos em oposição tenham lugar.*

Nesse sentido, “A representatividade não está relacionada somente à agenda; mas, ao corpo que representa” (Noguera, 2019, n. p.), pois os direitos de determinados grupos podem ser defendidos por pessoas de grupos diferentes e estariam, pois, “representados”. Entretanto, a representatividade torna-se efetiva quando os sujeitos de direitos que pertencem aos grupos minorizados são também aqueles a quem são asseguradas a *proposição* e a *decisão* diante das pautas referentes a suas causas. No caso da história da representatividade de pessoas LGBTQIA+, a reflexão proposta por Noguera sobre a síndrome do vampiro é bastante profícua.

Na vida política, tanto quanto emocionalmente, a representatividade é algo demasiadamente importante. Uma pessoa ou um grupo que viva sob a síndrome do vampiro não consegue ter uma vida política, reconhecimento público.

*O vampiro é um personagem que simboliza a falta de imagem no espelho, habitação da noite, uma vida clandestina que sobrevive vampirizando, se aproveitando de outras pessoas. Por síndrome do vampiro podemos entender uma pessoa ou grupo que é invisível, temido e que desperta o desejo “legítimo” das “pessoas de bem” de se organizar para eliminar esse “risco” da sociedade. Vampiro é uma força marginal que suga a vida das “pessoas normais” e que merece ser caçado como uma perigosa aberração* (Noguera, 2019, n. p.; grifos nossos).

Fala-se ainda em representatividade ao pensar o desejo de ver a “própria imagem” refletida nas diferentes manifestações artísticas (novelas, filmes, HQs, teatro, literatura, artes plásticas etc.), não de um modo negativo, estereotipado, mas valorizando também aspectos positivos e garantindo o protagonismo daqueles que, por muito tempo, ou ficaram de fora ou foram insuficientemente representados nas artes (negros, LGBTQIA+, pessoas com deficiência etc.). E por que tal representatividade é importante? Porque, quando ocorre de modo não estereotipado e dá conta da complexidade humana, é um dos caminhos para ajudar a combater preconceitos e fortalecer a autoestima de determinados grupos socialmente apresentados como inferiores por grupos hegemônicos.

Indo mais além, uma representatividade artística mais efetiva de grupos minorizados seria aquela em que não apenas estes aparecem tematizados, mas aquela na qual o processo de criação, produção e distribuição também abra espaço para a participação daqueles que

são representados. Assim, não bastaria que, no caso específico da homoafetividade aqui analisado, personagens homossexuais aparecessem na HQ. Seria preciso observar se no processo citado a presença de pessoas desse grupo ocorre, garantindo a inserção para além da representação artística.

Seguindo com as reflexões sobre os *Jovens Vingadores*, destaca-se a informação apresentada por Marco M. Lupoi, diretor de publicações da Panini na Europa e América Latina, em texto de apresentação da edição brasileira de *Vingadores*, quando afirma:

Embora esse grupo de heróis adolescentes tivesse uniformes e poderes inspirados nos Vingadores originais, suas personalidades e aventuras não podiam ser mais diferentes. Repleto de fúria adolescente e problemas de relacionamento, no veio dos melhores quadrinhos produzidos pela Marvel, o título trabalhava em diferentes níveis. Sob os superpoderes e trajes colantes, *Jovens Vingadores* falava de um problema simples, com o qual quase todos podem se relacionar, especialmente os jovens. Essencialmente, tratava-se de uma bela metáfora sobre a dificuldade de encontrar seu lugar no mundo e aceitar quem você é – algo que, na verdade, é bem mais difícil do que parece (Heinberg; Cheung, 2016, n.p.; grifos nossos).

No Brasil, o *graphic novel*<sup>5</sup> *Vingadores* foi traduzido e publicado pela editora Salvat em 2016, reunindo as nove edições presentes na edição norte-americana de 2012. A trama gira em torno de sete fãs superpoderosos dos Vingadores (Wiccano, Célere, Hulkling, Rapaz de Ferro, Visão, Patriota, Gaviã Arqueira e Estatura), os quais se reuniram porque estes haviam se dispersado. Um dos Jovens Vingadores, Wiccano, está em busca de sua “suposta” mãe, Wanda Maximoff, a Feiticeira Escarlata, desaparecida após perder o controle de seus poderes, ter provocado mortes e ter criado um universo no qual a maior parte dos mutantes havia perdido os poderes, tornando-a, assim, vista como ameaça pelos *X-Men* e pelos Vingadores originais.

A história da Feiticeira Escarlata é marcada pelo nascimento de seus dois filhos, Billy e Tommy, com o super-herói Visão. Contudo, uma trama complexa dará conta de que, na verdade, os garotos eram frutos da magia de um demônio chamado Mephisto, que os destruiu. A Feiticeira, por sua vez, conseguiu usar seus poderes e fazer com que as crianças reencarnassem. Assim, Billy Kaplan e seu irmão gêmeo, Thomas Shepherd, filhos do casal Jeff e Rebecca Kaplan, são respectivamente Wiccano e Célere, reencarnações dos filhos de Wanda. Diante da suspeita, então, Wiccano luta para encontrar sua mãe.

*Vingadores*: a cruzada das crianças é, portanto, a trajetória de Wiccano em busca de sua mãe, atitude que vai colocá-lo em perigo, uma vez que o retorno dela é visto como ameaçador. No início da história, os X-Men estão, ao lado de Magneto, pai de Feiticeira Escarlata e de Mercúrio, tentando reconstruir Utopia, ilha na qual alguns mutantes viviam e

---

<sup>5</sup> Tendo em vista a classificação original da série *Vingadores* enquanto HQ, optarei por assim classificá-la, mesmo quando estiver falando sobre versão brasileira em formato de *graphic novel*.

desejavam construir uma sociedade melhor. Magneto seria, então, avô dos gêmeos e fica sabendo da existência dos jovens Vingadores por meio de uma transmissão realizada em um computador da ilha.

Após uma sucessão de intrigas entre os X-Men e os Vingadores adultos contra os jovens Vingadores, Wiccano consegue encontrar sua mãe, prisioneira sem memória do Dr. Destino. Com a ajuda do filho, ela recupera a memória e os poderes e lança um feitiço para devolver as habilidades dos mutantes. Porém, a magia dá errado e o Dr. Destino, agora assumindo o nome de Victor, fica em poder da Força Vital, afirmando que tem como missão construir, ao lado de Wanda, um mundo sem pobreza ou guerras. Ao final, Dr. Destino torna-se um supervilão, mata Cassie, membra dos Jovens Vingadores, mas é derrotado pela união da magia de Wiccano e da Feiticeira. Wanda diz que, a partir de então, quer apenas cuidar dos filhos, então os X-Men e os Vingadores decidem não mais persegui-la.

Com a resolução do problema, os Jovens Vingadores separam-se e Wiccano (Billy), apesar de ter encontrado a mãe, assume uma profunda tristeza, sentindo-se culpado pela morte de dois amigos. Durante seu processo de recolhimento, e sem querer conversar com ninguém, Teddy (Hulkling) e Thomas (Célere) tentam convencer Billy a voltar aos trabalhos, mostrando-lhe notícias sobre uma epidemia de aranhas em Manhattan, manobras militares realizadas pela Coreia do Sul e a perseguição aos X-Mens, mas nada o dissuade do comportamento.

É nesse contexto de recolhimento e de abandono da missão dos jovens Vingadores que a cena do beijo entre Billy e Teddy ocorrerá, na antepenúltima página da série 9 da HQ. Na página anterior, Teddy bate à porta, provavelmente do quarto de Billy, encontrando-o com um semblante triste, e o seguinte diálogo<sup>6</sup> ocorre:

*Teddy:* Chega disso. Tentei ser paciente e dar apoio, mas você precisa conversar comigo, ou com a Wanda, ou com alguém agora mesmo.

*Billy:* Desculpa.

*Teddy:* É bom mesmo. Porque se aprendi alguma coisa com tudo isso é que a vida é curta demais pra você ficar aqui sentado desperdiçando a sua. E a minha.

*Billy:* Está terminando comigo?

*Teddy:* E te dar mais um motivo pra sentar no escuro sem fazer nada? Sinto muito, Kaplan. Você não vai escapar de mim. Até que a morte nos separe.

*Billy:* Teddy Altman acabou de me pedir em casamento?

*Teddy:* Depende. Vai mexer seu traseiro e fazer alguma coisa?  
(Heinberg; Cheung, 2016, n. p.)

Encerrado o diálogo, o beijo acontece como um indicativo de que o namoro entre os dois continuaria, bem como sinaliza a possibilidade de uma reestruturação emocional de Wiccano que, até aquele momento, mantivera-se o mais isolado possível. Namorados desde

---

<sup>6</sup> Diálogo adaptado, uma vez que na HQ ele aparece em forma de balões, mas foram mantidos os textos integralmente.

2005, quando foi lançada a HQ *Jovens Vingadores*, os dois beijam-se pela primeira vez na edição de 2012 publicada nos Estados Unidos, já como *Vingadores: a cruzada das crianças*.

A cena do beijo ocupa quase a totalidade da página, ou seja, há a intenção de destacá-la. Chama a atenção, também, o fundo totalmente branco, o qual reforça o destaque, mas também elimina da cena o cenário do possível quarto, espaço mais reservado a um encontro íntimo, fato que pode ser lido como uma tentativa de não restringir os gestos afetivos entre pessoas homossexuais a locais privados. O beijo pode ser descrito como discreto, estando os jovens de pé, envolvidos pela cintura e pescoço em um gesto de abraço.

Durante a cena do beijo, a jovem Vingadora, Estatura, aparece, avisando que o Capitão América precisa deles na mansão. Os três seguem para o local e, reunidos com outros, ouvem do Capitão que, aos olhos do grupo dele, os jovens são e serão sempre vingadores. Conclui-se, pois, a história

### **Ressignificação da “Cruzada das Crianças” e o combate aos Filhos da Serpente: a polêmica interna**

O título da HQ *Vingadores* aciona a memória de um evento histórico envolvendo a Igreja Católica no século XIII, a Cruzada das Crianças, estabelecendo, no entanto, novos sentidos. Esse episódio controverso, uma vez que há diferentes versões sobre ele, ocorreu em 1212 e, de acordo com Mark Cartwright (2018), foi um movimento religioso popular liderado por Estevão de Cloyes, um jovem francês, e um menino alemão, Nicolau de Colônia, ambos dedicados a conquistar Jerusalém para a cristandade, após o insucesso do exército de cavaleiros adultos.

Diferentemente das Cruzadas dos cavaleiros, a das crianças não foi convocada e sancionada pela Igreja, mas o resultado de uma mobilização voluntária que reuniu milhares de pessoas, não necessariamente apenas crianças, uma vez que o termo “*pueri*”, utilizado nos registros medievais, pode indicar crianças, adolescentes e adultos: “[...] alguns monges normandos e alpinos registram que *pueri*, neste caso, incluía adolescentes e pessoas mais velhas” (Cartwright, 2018, n.p.). No processo de deslocamento até a Terra Santa, diversos participantes morriam, pois não tinham meios nem preparação adequada para a empreitada, e os relatos sobre a Cruzada das Crianças sinalizam que, após o resultado negativo do levante, alguns cruzados voltaram para casa e outros foram escravizados.

Sejam quais forem os exatos eventos da confusa história da “Cruzada das Crianças”, o episódio ilustra que havia uma simpatia popular pelo movimento das Cruzadas entre o povo comum e que não foram somente e (sic) cavaleiros que se sentiram forçados a assumir a cruz e defender os cristãos e seus locais sagrados na Terra Santa, durante a Idade Média (Cartwright, 2018, n.p.).

Autorizada ou não pela Igreja, o que se denominou Cruzada das Crianças indica a investida de um significativo número de pessoas imbuídas da fé cristã e dispostas a colocar a vida em risco para ocuparem Jerusalém, local sagrado para os cristãos, e usufruírem de possíveis benefícios, materiais ou espirituais, diante da bravura. Na HQ *Vingadores*, a cruzada inicial é contra outros inimigos e teve início com os *Jovens Vingadores*: “[...] uma guerra civil super-heroica, uma invasão secreta da Terra e um cerco contra Asgard” (Heinberg; Cheung, 2016, n. p.). Como já dito, os jovens Vingadores atribuíram a si a missão de proteger a sociedade, assumindo-se enquanto grupo, e nas primeiras páginas da Cruzada 1 é apresentado outro inimigo a ser combatido, os Filhos da serpente, que se intitulam “[...] uma seita paramilitar dedicada a manter a pureza racial e moral” (Heinberg; Cheung, 2016, n.p.), que também havia sido combatida pelos primeiros Vingadores.

Nas primeiras páginas da Cruzada 1, os jovens Vingadores lutam contra os Filhos da Serpente e os leitores são colocados diante da *polêmica interna*, ou seja, constitutiva da própria história, envolvendo o dissenso acerca das questões de dissidência de gênero e sexualidade, uma vez que Gaviã Arqueira afirma que “Pra ser justa, eles [Os Filhos da Serpente] também odeiam gays e lésbicas. Então devemos ser a equipe de super-heróis de quem eles menos gostam” (Heinberg; Cheung, 2016, n.p.). Há, portanto, dois lados em disputa nas cenas iniciais, não somente no sentido da luta física, mas no combate discursivo.

Enquanto luta com Hulkling, namorado de Wiccano, por exemplo, um membro dos Filhos da Serpente, usando uma máscara preta, cujo fito é não ser identificado, diz: “Assim como a serpente expulsou Adão e Eva do Éden... nós também iremos expulsar os ineptos... os inferiores”. Hulkling responde: “Está usando a Bíblia pra justificar assassinatos?”. E o membro indaga: “O que você conhece sobre Bíblia, sodomita?” (Heinberg; Cheung, 2016, n. p.). Percebe-se, portanto, que o roteirista Heinberg faz referência a um elemento importante quando se pensa na relação entre as sociedades de base cristã e a homossexualidade, uma vez que não é incomum aos contrários à afetividade entre pessoas do mesmo sexo considerar os escritos bíblicos como parâmetros justificativos para sua opinião.

Ao definir Hulkling como “sodomita”, por ele ser homossexual, o discurso do membro da seita reforça a referência bíblica, dessa vez retomando a visão popularizada na história de Sodoma narrada no livro de Gênesis, cidade destruída após um episódio envolvendo Ló, sua família e os anjos enviados por Deus. De acordo com a versão popularizada e apropriada pelo cristianismo, moradores do local tentaram invadir a casa de Ló para violentar sexualmente os homens/anjos. Por isso, para protegê-los e respeitando a regra da hospitalidade, Ló havia oferecido as duas filhas virgens para os moradores. A partir dessa narrativa, estabelece-se, em algum momento histórico, a relação entre a homossexualidade e a sodomia, pecado grave e digno de punição.

Baseando-se em interpretações bíblicas seletivas e de cunho universal, a Igreja passaria a fabricar um coletivo de representações que fizeram da cidade de Sodoma um lugar perfilhado por indivíduos homossexuais. Sodoma passou a ser, desta forma, o nome pelo qual os teólogos, especialmente medievais, denominavam o que acreditavam ser a atividade sexual característica desses habitantes: o sexo entre homens. Análises exegéticas e revisionistas acerca de Sodoma sustentam, porém, que a atitude reprovável levada a cabo pelo grupo de sodomitas não consistia nas práticas sexuais em si, mas, sobretudo, na violação do código hospitalidade vigente à época (Correio; Correio, 2016, p. 268).

Nesse viés, sodomia tornou-se uma palavra para classificar sobretudo a prática “antinatural” do sexo anal entre homens, e sodomita o seu praticante, embora nem sempre tenha sido assim. No contexto da HQ, o roteirista Heinberg recupera a expressão polêmica no diálogo entre Hulkling e o membro dos Filhos da Serpente, bem como outras referências bíblicas que servirão, também, como contraposição ao discurso homofóbico. Nessa perspectiva, durante a luta entre os dois personagens, Hulkling diz: “Este sodomita estudou num colégio episcopal durante seis anos. Então, se quiser trocar versos bíblicos, que tal Êxodo 21, versículo 24...Olho por olho” (Heinberg; Cheung, 2016, n.p.).

Embora não esteja explícito em sua fala, o discurso de Hulkling apresenta um argumento implícito, a ideia de que, se é para acreditar na Bíblia, que seja em sua totalidade e não apenas em recortes específicos para fundamentar, principalmente, questões referentes a moralidades. Dessa maneira, uma vez que seu adversário estava tentando destruí-lo, seria pertinente agir como sugere o Antigo Testamento, com a mesma medida violenta. Em resposta, o adversário de Hulkling diz: “Vamos lá. Faça de mim um mártir e mostre ao mundo exatamente que tipo de monstro você é” (Heinberg; Cheung, 2016, n. p.). Tal discurso reforça uma característica da polêmica, a saber, o “nós” contra “eles”, uma vez que o supremacista vê-se como um possível mártir, ou seja, alguém que será morto por agir de forma correta, justa, assumindo, portanto, a encarnação do Bem, enquanto classifica Hulkling como “o outro”, o Mal a ser eliminado, um monstro.

A atitude de Hulkling, porém, retira temporariamente a cena do contexto violento anterior, uma vez que ele, de forma surpreendente, beija a face do adversário, o qual afirma que Hulkling “Vai queimar no inferno por isso” (Heinberg; Cheung, 2016, n. p.). O beijo é lido pelo supremacista como uma afronta, um pecado. E mais uma vez Hulkling argumenta: “Espera... Você passa seu tempo livre matando pessoas, mas eu vou para o inferno por te beijar?”, ao que o adversário responde: “Provérbios 12:28. ‘A vida está na vereda da justiça...’”. Após esse momento, o Capitão América chega e completa: “o caminho do ódio, porém, conduz à morte” (Heinberg; Cheung, 2016, n. p.), ajudando os jovens Vingadores.

A breve análise apresentada sobre a polêmica interna na HQ *Vingadores* evidenciou a resignificação da Cruzada das Crianças, posto que, se no episódio histórico, elas são as representantes dos ideais cristãos, no caso da HQ, os jovens Vingadores, ao entrarem em

disputa com os supremacistas brancos, participam de uma cruzada contra valores homofóbicos ancorados em ideias defendidas pelos textos bíblicos que fundamentam o cristianismo. Além disso, a polêmica interna foi desenvolvida por Heinberg a partir de um ponto de vista muito bem definido: textos bíblicos são utilizados de forma indevida por determinados grupos para justificar a condenação da homossexualidade e a perseguição aos homossexuais.

### **Crivella e a tentativa de censura da HQ *Vingadores*: a polêmica externa**

A venda da HQ *Vingadores* na Bienal 2019 mobilizou vozes dissensuais com relação à representação do beijo entre os super-heróis Wiccano e Hulkling. Entre essas vozes estava a do então prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, que na função de autoridade do município tentou censurar a HQ, primeiramente em 05/09, determinando à organização da Bienal que recolhesse os exemplares e, em seguida, enviando ao Riocentro, espaço onde o evento acontecia, em 06/09, fiscais da Secretaria Municipal de Ordem Pública, a fim de recolherem os exemplares da referida HQ.

O então prefeito do Rio, Marcelo Crivella, era filiado ao Republicanos, cuja missão, entre outros aspectos, segundo o site do partido, é “vocalizar os valores do conservadorismo de costumes”, e um dos valores é a “defesa do conservadorismo e da família”<sup>7</sup>. Sua filiação política corresponde aos fatores que o constituíram no campo religioso, uma vez que Crivella, além de cantor gospel, é bispo licenciado da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), instituição evangélica de tendência neopentecostal, liderada por seu tio Edir Macedo. Foi ele quem, por meio do projeto de lei do Senado Federal, aprovado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 2009, instituiu o Dia Nacional da Marcha para Jesus, Lei nº 12.025, cuja finalidade é promover a manifestação dos valores cristãos.

Embora o vereador Alexandre Isquierdo (DEM) tenha realizado um pronunciamento contrário à venda da HQ na Plenária da Câmara no dia 04/09, foi a decisão de Crivella que deu maior visibilidade à polêmica, justamente pela decisão de recolher os livros, fato que foi interpretado por juristas e parte da sociedade como um ato censor: “As declarações do político, somadas à atuação dos fiscais, geraram um levante em massa de livreiros e editoras, que consideraram o ato uma grave ameaça para a liberdade de expressão” (Jucá, 2019). A palavra censura funciona, portanto, como um *microato polêmico*, uma vez que os dois lados da disputa (a favor e contrário à representação do beijo) não classificaram a atitude do prefeito da mesma maneira. Crivella e seus defensores, em nome da defesa das crianças e da família, consideraram apenas um gesto de proteção às crianças, utilizando, inclusive, o ECA para justificar o recolhimento dos livros, por considerar a representação do beijo imprópria para os

---

<sup>7</sup> <https://republicanos10.or.br/>

menores, e indicando medidas que deveriam ser usadas em caso de conteúdo pornográfico: material plastificado e contendo informação sobre conteúdo adulto.

No entanto, a tentativa de recolhimento dos exemplares da HQ pode, sim, ser classificada como censura e deliberadamente contrária ao estabelecido pela Constituição Federal de 1988 acerca da liberdade de expressão, em seu artigo 5º: “É livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença” (Brasil, 1988). Isso porque, como foi demonstrado posteriormente, o conteúdo da HQ não infringia a legislação brasileira, e, caso isso acontecesse, Crivella deveria ter recorrido à instância jurídica, tendo em vista a comprovação de um possível descumprimento da Lei.

A tentativa censora de Crivella foi a primeira em anos de realização da Bienal do Rio e, como já abordado, estava relacionada aos debates realizados pela ala mais conservadora da política brasileira no que tange às pautas de costumes. Jucá (2019) sinalizou, na oportunidade, duas outras situações para demonstrar que a atitude do prefeito não era isolada:

Três dias antes, o governador de São Paulo, João Dória, havia mandado recolher das escolas estaduais paulistas um material didático de Ciências para adolescentes de 13 anos que, segundo ele, fazia apologia à “ideologia de gênero”. Ele se referia a uma apostila que continha o texto Sexo biológico, identidade de gênero e orientação sexual, com uma explicação sobre as diferenças entre os termos “transgênero”, “homossexual” e “bissexual”. No mesmo dia da determinação de Dória, o presidente Jair Bolsonaro —que já havia se envolvido em uma polêmica no período pré-eleitoral por mentir sobre livro de educação sexual que integraria o que chamou de kit gay nas escolas públicas— pediu ao Ministério da Educação para elaborar um projeto de lei contra o que chama de “ideologia de gênero” no Ensino Fundamental (Jucá, 2019; grifos nossos).

O que se seguiu à decisão de Crivella foi um pedido no dia 06/09, por parte dos organizadores da Bienal, de um mandado de segurança preventivo ao Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro (TJRJ), cujo fito era assegurar a comercialização de obras literárias com diversidade temática, o que foi acatado. Além disso, nesse mesmo dia, o influenciador Felipe Neto publicou em seu canal no *YouTube* um vídeo polemizando abertamente contra a decisão de Crivella, e, no dia 07/09, distribuiu 14 mil livros com temática LGBTQIA+ (Gonzatti, 2022, p. 216). Os livros distribuídos estavam em uma embalagem preta e continham um adesivo com a seguinte mensagem: “Este livro é impróprio para pessoas atrasadas, retrógradas e preconceituosas”.

Também no dia 07/09, Claudio de Mello Tavares, presidente do TJRJ, suspendeu a decisão que barrava a apreensão e os fiscais retornaram ao local do evento, porém não encontraram livros para censurar. Devido à repercussão do caso, o Supremo Tribunal Federal (STF) precisou intervir, e no dia 08/09 determinou a ilegalidade da apreensão dos livros. O ministro Dias Toffoli, na “Medida cautelar na suspensão de liminar 1.248 Rio de Janeiro”,

destacou a violação do princípio de igualdade por parte da Prefeitura do Rio de Janeiro, representada por Crivella, bem como o caráter preconceituoso por trás da suposta proteção às crianças.

No caso, a decisão cuja suspensão se pretende, ao estabelecer que o conteúdo homoafetivo em publicações infanto-juvenis exigiria a prévia indicação de seu teor, findou por assimilar as relações homoafetivas a conteúdo impróprio ou inadequado à infância e juventude, ferindo, a um só tempo, *a estrita legalidade e o princípio da igualdade*, uma vez que somente àquela específica forma de relação impôs a necessidade de advertência, em disposição que – sob pretensa proteção da criança e do adolescente – *se pôs na armadilha sutil da distinção entre proteção e preconceito* (Brasil, 2019, p. 07; grifos nossos)

Os debates nas redes sociais e fora delas continuaram, entretanto, não havia mais HQ para ser censurada, uma vez que os exemplares haviam esgotado e a Bienal foi encerrada no dia 08/09, após dez dias de atividades. Mas, afinal, será que a tentativa de censura de Crivella refletiria apenas o desejo de impedir a circulação da imagem de um beijo entre dois jovens super-heróis, com a finalidade de não “corromper” a sexualidade das crianças? Navarro (2020, p. 477) apresenta reflexão oportuna sobre o caso da Bienal:

Se as bichas não se podem beijar entre as páginas do *comic*, o poderiam fazer na rua, à vista de qualquer pessoa? Se o espaço público se define pela acessibilidade por parte de quaisquer corpos, incluindo os corpos – e os olhos – das crianças, pode ou não pode o corpo transviado, como o chama Berenice Bento, circular pelo espaço público? Se sim, com quais limitações, em quais horários, com quais roupas, com quais trejeitos?

A sequência de questionamentos realizada por Navarro (2020) propõe uma reflexão que vai além da censura de uma obra artística, enveredando pelo quanto tal censura refletiria um desejo de limitar, e até impedir, a circulação social de corpos “desviantes” e suas manifestações afetivas. Nesse sentido, sobretudo quando se é um país com alto índice de crimes contra a população LGBTQIA+, o episódio da Bienal não deve ser visto apenas como a tentativa de retirada do mercado de um livro cujas personagens homossexuais não seriam afetadas pelo “apagamento” social. Ao contrário, é preciso compreender que Wiccano e Hulkling representam artisticamente a vida de inúmeras pessoas que, ao longo da história, sofreram diferentes formas de “apagamento”, das mais sutis, como a sua não aparição em obras artísticas, até as mais cruéis, como tortura e assassinato.

Nos discursos de Marcelo Crivella, a apresentação de um *ethos* protetor é constante. Seguem, respectivamente, as postagens publicadas em sua conta do *Twitter* nos dias 05, 06 e 08 de setembro de 2019.

Pessoal, precisamos *proteger* as nossas *crianças*. Por isso, determinamos que os organizadores da Bienal recolhessem os livros com conteúdos

impróprios para menores. Não é correto que elas tenham acesso a assuntos que não estão de acordo com suas idades (Crivella, 2019a; grifos nossos).

A decisão de recolher os gibis na Bienal teve apenas um objetivo: cumprir a lei e *defender* a família. De acordo com o ECA, as obras deveriam estar lacradas e identificadas quanto ao seu conteúdo. No caso em questão, não havia nenhuma advertência sobre o assunto abordado (Crivella, 2019b; grifo nosso).

*Não é censura nem homofobia* como muitos pensam. A questão envolvendo os gibis na Bienal tem um objetivo bem claro: cumprir o que prevê o Estatuto da Criança e do Adolescente. Queremos, apenas, *preservar nossas crianças*, lutar em *defesa das famílias brasileiras* e cumprir a Lei (Crivella, 2029c; grifos nossos).

Na primeira postagem (05/09), é perceptível o alinhamento entre a motivação para o recolhimento das HQs e a defesa da família citada como um dos valores de seu partido (Republicanos) e também bandeira de parte significativa dos evangélicos. O uso do vocativo e da primeira pessoa do plural inserem no discurso outras vozes que porventura defendam os mesmos princípios que os seus e, por certo, as convidam para o embate. O tom da postagem parece indicar que Crivella desejava se comunicar com um auditório/público convergente, normalmente seguidores apoiadores, ainda que o espaço público digital esteja aberto a manifestações divergentes.

Ao defender o conservadorismo nos costumes, tende a reproduzir o padrão heteronormativo, considerando “desvios” outras formas de vivência amorosa. Nesse sentido, percebe-se que não é o beijo que o incomoda, mas o beijo entre pessoas que vivenciam, em sua perspectiva, uma sexualidade “desviante”. Portanto, faz sentido para ele querer “livrar” as crianças, talvez por considerá-las influenciáveis, do contato com a representação homoafetiva, o que fica evidente ao afirmar que é um assunto não adequado para a idade.

Anexado à postagem do dia 05 de setembro há um vídeo de 28 segundos, com o seguinte conteúdo:

A prefeitura do Rio de Janeiro determinou que os organizadores da Bienal, lá no Riocentro, recolhessem esse livro que você tá vendo aí [aparece a imagem do HQ] que já foi denunciado inclusive na internet, que traz conteúdo sexual para menores. Livros assim precisam tá embalados em plástico preto lacrado e, do lado de fora, avisando o conteúdo. Portanto, a prefeitura do Rio de Janeiro está *protegendo os menores da nossa cidade* (Crivella, 2019a; grifo nosso).

No discurso proferido no vídeo, assim como no escrito, Crivella evita o uso da primeira pessoa do singular ao expor a decisão de recolhimento das HQs. Ainda que a atitude tenha partido dele, o uso da primeira pessoa do plural e a citação da prefeitura como agente da ação são mecanismos para fazer crer que não foi uma decisão individual, mas que ele, na função de prefeito, corrobora um posicionamento coletivo. É importante notar que o tom emotivo da

postagem escrita é evitado no vídeo, uma vez que ele age como se estivesse lendo um comunicado, incluindo-se somente no trecho “nossa cidade”.

Se no texto escrito ele fala em conteúdo impróprio, no vídeo ele é mais enfático ao afirmar que há conteúdo sexual – o que não se comprova –, recorrendo, implicitamente, ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) para justificar a necessidade de sinalização adequada para o público infantil, aspecto reforçado na postagem do dia 06 de setembro:

A decisão de recolher os gibis na Bienal teve apenas um objetivo: cumprir a lei e defender a família. De acordo com o ECA, as obras deveriam estar lacradas e identificadas quanto ao seu conteúdo. No caso em questão, não havia nenhuma advertência sobre o assunto abordado (Crivella, 2019b, **negrito nosso**).

De fato, consta no Art. 78 do ECA que “as revistas e publicações contendo material impróprio ou inadequado a crianças e adolescentes deverão ser comercializadas em embalagem lacrada, com a advertência de seu conteúdo”, e que “as editoras cuidarão para que as capas que contenham mensagens pornográficas ou obscenas sejam protegidas com embalagem opaca” (Brasil, 1990). No entanto, nem a capa nem o conteúdo interno da HQ *Vingadores* se enquadram no perfil pornográfico ou obsceno, visto que a manifestação de afeto não ultrapassa o limite de um beijo. Porém, o aspecto atribuído por Crivella ao conteúdo está atrelado a uma memória discursiva que relaciona homoafetividade à promiscuidade e à pornografia. Assim, o que seria comum em um livro com casais heterossexuais passa a ser condenável e ofensivo na história em questão.

Anexado à postagem do dia 06/09 há um vídeo de 28 segundos, no qual o prefeito reitera:

Há uma certa controvérsia na mídia pela decisão da prefeitura de mandar recolher os livros que tinham conteúdo de homossexualidade, atingindo um público infantil, um público juvenil. O que nós fizemos é *para defender a família*, esse assunto tem que ser tratado na família, não pode ser induzido, seja na escola, seja em edição de livros, seja aonde for. Nós vamos sempre continuar em defesa da família (Crivella, 2019b; **grifos nossos**).

Tendo em vista o alcance polêmico de seu posicionamento do dia 05 de setembro, Crivella realiza uma nova postagem, dessa vez apresentando explicitamente a questão da homossexualidade, considerando-a uma temática inadequada para o público infantojuvenil. Novamente, faz questão de reforçar seus valores em defesa da família, a qual deve ter a liberdade para abordar a questão com o público citado. Para Crivella, sujeito argumentante pertencente ao campo religioso conservador, família representa a união entre pessoas de sexo oposto, ou um membro e seus filhos, visão justificada pela legislação durante muitos anos, modificada em 2011 por iniciativa do STF, ao incluir casais homoafetivos (STF, 2023).

Essa ideia de família entra em disputa com a da comunidade LGBTQIA+, visto que seus membros também se reconhecem, em suas uniões, como formadores de famílias, inclusive com o direito à adoção previsto por lei. Assim, o sentido que os sujeitos argumentantes pertencentes a campos distintos atribuem ao termo é distinto e está relacionado com os valores dos grupos aos quais fazem parte. Ao afirmar que visa defender a família, portanto, Crivella acredita em um padrão familiar visto como o verdadeiro, excluindo outras formas de configuração, por isso é preciso “[...] lutar em defesa das famílias brasileiras [...]” (Crivella, 2019c).

Percebe-se, ao final de seu discurso, a retomada, ainda que de modo indireto, do debate acerca da “ideologia de gênero”. Posto isso, confirma-se o caráter dialógico do discurso, assim como propôs Bakhtin (2016), uma vez que Crivella mobiliza debates anteriores e os traz à cena para ratificar seu ponto de vista. Crivella assume o *ethos* protetor das crianças, atribuindo a elas, de modo implícito, características de inocência e vulnerabilidade diante das “más” influências. No caso da HQ, a referência homossexual. E não haveria problema em desejar protegê-las, desde quando estivessem, de fato, diante de um perigo contra sua dignidade e corpo, em conformidade com o previsto em diversos instrumentos normativos do país. No entanto, o que ele faz é classificar intencionalmente o “beijo” entre dois homens como um conteúdo impróprio ao público infantil, favorecendo o pânico moral, uma vez que propaga a ideia de que as crianças estão em risco com relação à sua formação moral, mobilizando, assim, os conservadores nos costumes.

Sobre a relação entre pânico moral e controle social, Miskolci (2007), ao refletir sobre a polêmica acerca do casamento gay no Brasil, destaca que o conceito foi criado por Stanley Cohen, na década de 60, “[...] para caracterizar a forma como a mídia, a opinião pública e os agentes de controle social reagem a determinados rompimentos de padrões normativos” (Miskolci, 2007, p. 11). No caso da HQ, o rompimento seria com o “padrão heteronormativo” defendido por Crivella. Ainda segundo Miskolci (2007, p. 112), pode-se considerar que “[...] o pânico é moral porque o que se teme é uma suposta ameaça à ordem social ou a uma concepção idealizada de parte dela, ou seja, instituições históricas e variáveis, mas que detêm um *status* valorizado, como a família ou o casamento”.

Nesse sentido, os que se sentem ameaçados em seus valores tendem a propor, e quando estão em condições até impor, alternativas para o controle social, seja por meio da condenação pública de certos estilos de vida e práticas, seja pela proposição de leis que não apenas assegurem o direito de serem como são e agirem como agem, mas que, em geral, impossibilitem aqueles cujos modos de vida são distintos de serem tratados com igualdade de direitos. O pânico moral “[...] fica plenamente caracterizado quando a preocupação aumenta em desproporção ao perigo real e gera reações coletivas também desproporcionais” (Miskolci, 2007, p. 114). Ele é o resultado da capitalização de um agente dos temores que já

fazem parte de uma coletividade, e denota resistência à transformação no que tange a valores considerados modelares.

O episódio da Bienal é, portanto, um caso de policiamento dos costumes e propagação de pânico moral “[...] em nome da vulnerabilidade de uma criança imaginada sempre como cisgenérica e heterossexual, e sempre em risco de deixar de sê-lo” (Navarro, 2020, p. 477). Por isso, a necessidade de controlar o trânsito não apenas dos discursos sobre a diversidade sexual e de gênero, mas também dos corpos que performam essa pluralidade. E isso é realizado, no caso da Bienal, por meio não de um corpo de censores de artes, como é comum nas histórias das ditaduras. Todavia, como demonstrou Navarro (2020, p.477), por meio da intervenção direta de uma Secretaria cuja função é assegurar a ordem pública, evitando perturbações do sossego dos cidadãos, estacionamentos e circulações indevidas de veículos etc.

Para finalizar, Crivella não foi o único a polemizar contra a venda da HQ sem a sinalização como conteúdo impróprio para crianças, mas sua determinação para que os exemplares fossem recolhidos da Bienal impulsionou a polêmica, pois agregou ao caráter homofóbico dos discursos anteriores um elemento novo e também problemático: a tentativa de censura.

### Considerações finais

No presente texto, tivemos por intuito analisar a polêmica envolvendo a HQ *Vingadores: a cruzada das crianças* (Heinberg; Cheung, 2016) durante a XIX Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro, realizada de 30 de agosto a 08 de setembro de 2019. Como vimos, nessa história em quadrinhos, havia a representação do beijo entre os jovens vingadores homossexuais Wiccano e Hulkling, motivo pelo qual o então prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella (Republicanos), tentou censurar a venda do livro, solicitando a sua recolha por parte da Secretaria Municipal de Ordem Pública. Tal atitude impulsionou uma ampla reação de políticos, cidadãos e movimentos sociais, seja em defesa, seja em repulsa à ação de Crivella, instaurando uma disputa social de sentidos em torno do ocorrido.

Tomando por base a instauração desse evento polêmico, na primeira seção, discutimos os pressupostos teórico-metodológicos da Análise Dialógica da Argumentação, conforme desenvolvida por Nascimento (2018). Na segunda, analisamos a trajetória das publicações da Marvel envolvendo as temáticas de gênero e sexualidade com o fito de reconstruir a *polêmica interna* ou constitutiva da HQ, recortando, para tanto, um diálogo entre os personagens Teddy e Billy. Na terceira, avaliamos como a instauração dessa polêmica interna produz a ressignificação do acontecimento histórico que ficara conhecido como A Cruzada das Crianças, no século XIII. Por fim, na quarta, investigamos como a tentativa de censura da obra infantojuvenil fomenta e potencializa a instauração de uma *polêmica externa*,

mobilizando, nesse intuito, seis postagens do Prefeito Crivella no intuito de legitimar as suas ações políticas e morais. Como conclusão, de um lado, compreendemos que a HQ *Vingadores* remete dialogicamente a uma tendência da própria Marvel ao longo das últimas décadas de aumentar a representatividade de gênero entre seus personagens ficcionais, de outro, que a postura de Crivella tem por objetivo produzir representatividade frente ao seu eleitorado e promover o pânico moral, através do fomento à confusão entre representatividade de gênero e incentivo à promiscuidade ou pornografia.

## Referências

AMOSSY, R. **Apologia da polêmica**. Trad. Rosalice Botelho Wakim Souza Pinto *et al.* São Paulo: Contexto, 2017.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. Valdemir Miotello, Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 03 mar. 2025.

BRASIL. **Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm). Acesso em: 28 em abr. 2025.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. **Medida Cautelar na Suspensão de Liminar n. 1.248/RJ**. Requerente: Ministério Público Federal. Requerido: Presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro. Relator: Min. Dias Toffoli. Brasília, 8 set. 2019. Disponível em: <https://www.mpf.mp.br/pgr/documentos/SL1248.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2025.

CARTWRIGHT, M. Cruzada das Crianças. Traduzido por José Monteiro Queiroz-Neto. **Word History Encyclopedia**: em português, 04 set. 2018. Disponível em: <https://www.worldhistory.org/trans/pt/1-17141/cruzada-das-criancas/>. Acesso em: 23 fev. 2025.

CORREIO, E. S. S.; CORREIO, W. J. L. *Homo eroticus*: considerações acerca do conceito de sodomia nos processos da Inquisição Portuguesa. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 23, n. 35, p. 265-284, set. 2016.

CRIVELLA, M. A decisão de recolher os gibis na Bienal teve apenas um objetivo: cumprir a lei e defender a família. De acordo com o ECA, as obras deveriam estar lacradas e identificadas quanto ao seu conteúdo. No caso em questão, não havia nenhuma advertência sobre o assunto abordado. 06 set. 2019b. **Twitter**: @MCrivella. Disponível em: <https://x.com/MCrivella/status/1170081011822149632?t=Bn7iqrjJbXM70rl4JfaTCA&s=08>. Acesso em: 28 abr. 2025.

CRIVELLA, M. Não é censura nem homofobia como muitos pensam. A questão envolvendo os gibis na Bienal tem um objetivo bem claro: cumprir o que prevê o Estatuto da Criança e do Adolescente. Queremos, apenas, preservar nossas crianças, lutar em defesa das famílias brasileiras e cumprir a Lei. 08 set. 2019c. **Twitter**: @MCrivella. Disponível em:

<https://x.com/MCrivella/status/1170813640712368130?t=8DFHucrpyA-4ZPq0km9aYA&s=08>. Acesso em: 28 abr. 2025.

CRIVELLA, M. Pessoal, precisamos proteger as nossas crianças. Por isso, determinamos que os organizadores da Bienal recolhessem os livros com conteúdos impróprios para menores. Não é correto que elas tenham acesso precoce a assuntos que não estão de acordo com suas idades. 05 set. 2019a. **Twitter**: @MCrivella. Disponível em: [https://x.com/MCrivella/status/1169752491178831873?t=bQtdQyKwY\\_Nxc66PZjO3vA&s=08](https://x.com/MCrivella/status/1169752491178831873?t=bQtdQyKwY_Nxc66PZjO3vA&s=08). Acesso em: 28 abr. 2025.

EMEDIATO, W. Interações polêmicas e violência verbal em temas sociais sensíveis: princípios teórico-analíticos e estudos de caso. In: EMEDIATO, W. (org.). **Interações polêmicas e violência verbal em temas sociais sensíveis**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023. p. 19-79

GONZATTI, C. **Pode um LGBTQIA+ ser super-herói no Brasil?** Salvador: Devires, 2022.

HEINBERG, A.; CHEUNG, J. **Vingadores**: A Cruzada das Crianças. Trad. Rodrigo Barros, Paulo França. São Paulo: Editora Salvat, 2016.

JUCÁ, B. Justiça veta censura homofóbica de Crivella na Bienal do Livro do Rio. **El País**, 07 set. 2019. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/06/politica/1567794692\\_253126.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/06/politica/1567794692_253126.html). Acesso em: 03 mar. 2025.

LIMA, L. C. **Mimesis e modernidade**: formas das sombras. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2023.

MAINGUENEAU, D. **Discurso e análise do discurso**. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MISKOLCI, R. Pânicos morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay. **Caderno Pagu**, Dossiê: sexualidades disparatadas, n. 28, p.101-128, jun. 2007.

NASCIMENTO, L. Desvirtude discursiva no discurso religioso evangélico: análise dialógica da argumentação e ética. In: RIBEIRO, M. I. B. C. N.; CAVALCANTE FILHO, U. (orgs.). **Discursos, linguagens e representações**: exercícios dialógicos. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2024. p. 60-77.

NASCIMENTO, L. N. S. **Análise Dialógica da Argumentação**: a polêmica entre afetivossexuais e reformistas no espaço público. 2018. 557f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, 2018.

NAVARRO, P. P. Retórica antigênero e ordem pública: a cruzada das crianças. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, Brasília, v. 21, n. 2, p. 472-489, 2020.

NOGUERA, R. Representação e representatividade. **Coletivo Indra**, 18 dez. 2019. Disponível em: <https://coletivoindra.org/blog-opinioao/representao-e-representatividade/18/12/2019>. Acesso em: 23 fev. 2025.

PERELMAN, C; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da Argumentação**: a nova retórica. Trad. Maria Ermantina de Almeida Galvão. 3. ed. São Paulo: Editora WFF Martins Fontes, 2014.

POSSENTI, S. **Os limites do discurso**: ensaios sobre discursos e sujeito. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

RODRIGUES, A. **Da inutilidade das discussões**: uma análise psicológica da polarização no mundo atual. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2021.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. Mês da Mulher: há 12 anos, STF reconheceu uniões estáveis homoafetivas. **Notícias**, 30 mar. 2023. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=504856&ori=1>. Acesso em: 24 abr. 2025.

### Sobre os autores

*Elis Angela Franco Ferreira Santos*

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9342-2987>

Doutoranda em Estudos Linguísticos (UEFS), mestra em Literatura e Diversidade Cultural (UEFS), membro do grupo de pesquisa Dialógicos – Estudos Dialógicos em Discurso e Argumentação (UEFS) e professora da Educação Básica.

*Argus Romero Abreu Moraes*

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3606-110X>

Doutor em Linguística (UFMG), pós-doutor em Linguística (UESB; UFSJ; UFRJ; UBA/Argentina). Professor e pesquisador visitante na FAALC/UFMS, com financiamento da Fundect-MS (nº do Processo 23104.024886/2023-19).

Recebido em abr. de 2025.

Aprovado em set. de 2025.